

Interface entre linguagem humana, consciência e emoção

Interface between human language, consciousness and emotion

Mônica Maria Soares Santos*

Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil

Renata Barbosa Vicente**

Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, Brasil

Resumo: Considerando o aumento da expectativa de vida dos seres humanos e a consequente ampliação do número idosos no mundo, o presente trabalho tem por objetivo apresentar a consciência humana e a emoção sob a perspectiva de Damásio (2000, 2011), bem como, com base em estudos recentes, os impactos, desta última, na linguagem. Sob o enfoque de diferentes teorias da Cognição e da Linguística, estes estudos demonstraram resultados positivos e negativos da emoção sobre a linguagem humana e a consequente qualidade de vida dos idosos. Dessa forma, Soares Santos (2021) demonstra que a emoção, ocasionada pela música, favorece o resgate da consciência linguística, perdida com a doença de Alzheimer, enquanto Vicente (2014) reconhece os níveis distintos de processamento na produção textual escrita. Já o Projeto de Extensão (Vicente 2017, 2018, 2019), intitulado “Descobertas da melhor idade: além dos muros da universidade”, realizado na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), esclarece, por meio de atividades lúdicas, que situações de tensão podem impactar, negativa e emocionalmente, o idoso.

Palavras-chave: Consciência. Emoção. Linguagem.

Abstract: Considering the increase in human life expectancy and the consequent increase in the number of elderly people in the world, the present work aims to present human consciousness and emotion from the perspective of Damásio (2000, 2011), as well as, based on recent studies, the impacts of the latter on language. Under the focus of different theories of Cognition and Linguistics, these studies showed positive and negative results of emotion on human language and the consequent quality of life of the elderly. Thus, Soares Santos (2021) demonstrates that emotion, caused by music, favors the rescue of linguistic awareness, lost with Alzheimer’s disease, while Vicente (2014, 2020), recognizes the different levels of processing in the production of the text. argumentative-essay - mind, conscious mind and conscious mind capable of producing culture materialized in the texts produced by individuals and in an Extension Project entitled “Discoveries of the best age: beyond the walls of the university”, carried out at the Federal Rural University of Pernambuco (UFRPE), in which he clarifies, through playful activities, which situations of tension can negatively and emotionally impact the elderly.

Keywords: Conscience. Emotion. Language.

FLP 24(2)

* Universidade de São Paulo, São Paulo; monicasoares@usp.br

** Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife.

1 INTRODUÇÃO

Uma das maiores conquistas das sociedades contemporâneas é o aumento da expectativa de vida. A população idosa é a que mais cresce em todo o mundo, tornando o envelhecimento das populações uma realidade mundial. Entre outros fatores, além da melhoria no nível de nutrição, nas condições habitacionais e no saneamento, também os avanços da medicina têm aumentado a expectativa de vida da população idosa. Os quadros de saúde inerentes ao envelhecimento têm um impacto expressivo sobre os indivíduos, seus familiares e a sociedade em geral.

Quando envelhecemos, muitas funções corporais começam a declinar-se gradativamente, principalmente o cérebro. O envelhecimento natural do cérebro pode levar o ser humano a danos irreversíveis como a Doença de Alzheimer (DA), que é a mais frequente, pois atinge de 50% a 60% dos casos de demência no mundo atual. Alcança, no mínimo, 5% da população de indivíduos com mais de 65 anos (Ortiz e Bertolucci 2005) e pode chegar a 26% entre aqueles com idades acima de 84 anos. (Cayton 2000).

Clinicamente, a DA é conceituada como uma patologia que degenera o cérebro e tem causa ainda desconhecida, não obstante os avanços das pesquisas baseadas em neuroimagens. É uma patologia neurodegenerativa, cujo diagnóstico definitivo é possível de obter *post mortem* (Herrera, 2002), apesar de os avanços tecnológicos propiciados pela neurolinguística, com a utilização das técnicas de neuroimagem, já garantirem maior precisão na apresentação clínica e patológica da doença, em vida. Além da degradação fisiológica, o indivíduo com a Doença de Alzheimer sofre de alterações comportamentais e emocionais, visto que a depressão (Rovner et al., 1989; Enache, 2011; Forlenza, 2000) é sintoma prevalente nesses pacientes.

Este trabalho traz os impactos da emoção sobre jovens e idosos. A partir de estudos realizados na modalidade escrita, em que jovens produzem o texto dissertativo-argumentativo, em uma situação de tensão, que é o processo seletivo de vestibular da FUVEST, nota-se que a introdução do texto é a barreira que precisa ser superada, para que o texto flua. Portanto, a introdução é o momento de maior *stress*, ou seja maior impacto emocional negativo, já que é necessário associar uma gama de conhecimentos, desde tipo textual ao tema que será referendado ao longo do texto. Semelhantemente, na perspectiva da modalidade oral, observa-se que a emoção impacta negativamente os idosos que, em atividades lúdicas, precisam mostrar quais aprendizagens foram significativas e memorizadas após as palestras realizadas. Por fim, sob a ótica positiva da emoção, este trabalho avançará, demonstrando como a música predileta de idosos com DA retoma lembranças outrora adormecidas pelo impacto da doença. Assim sendo, estruturamos o referido trabalho em 4 seções, entremeadas pelas Considerações Iniciais e Finais. A primeira seção discorre sobre as concepções de Consciência, sob a ótica de Damásio e destacadas nas pesquisas esplanadas neste trabalho.

No segundo subtítulo, as autoras apresentam, também, sob a perspectiva damasiana, a emoção e os aspectos positivos e negativos que impactam a linguagem.

Consciência, emoção e linguagem, três estruturas segmentadas, a serviço do processamento cognitivo, servirão de suporte teórico para a explanação da seção que antecede as Considerações Finais na qual é apresentada com a descrição dos resultados da aplicação de Teste de Consciência Linguística em idosos típicos e com Alzheimer.

FLP 24(2)

2 CONSCIÊNCIA: A PERCEPÇÃO DO ORGANISMO A FAVOR DA LINGUAGEM

As discussões sobre a consciência persistem até os dias atuais e não há nenhuma previsão de quando este debate terminará em algum momento da história.

Quando utilizamos o termo consciência em referência à percepção dos nossos próprios pensamentos, sentimentos e recordações ou quando pensamos na consciência, temos a certeza de saber do que se trata em nós, mas não conseguimos dizer o que é. Nem mesmo podemos dizer se a maneira como entendemos a consciência é igual à maneira como o outro a entende. Levada às últimas consequências, a consciência possibilita ao indivíduo saber de sua existência e, justamente por isso, poder reconhecer-se como um ser que pensa. Se assim não fosse, a espécie humana não teria evoluído e nem alcançado certos prazeres e sofrimentos que integram sua caminhada e seu aprendizado.

É a percepção que tem o organismo de si mesmo e do seu ambiente que leva Damásio (2000) a reconhecer dois tipos de consciência: Consciência Central e Consciência Ampliada, também conhecida como Consciência Autobiográfica.

A Consciência Central é um fenômeno biológico simples que possui apenas um nível de organização. Ela consiste na sensação de se saber situado no espaço-tempo dêitico (aqui e agora), por isso é considerada “estável no decorrer da vida do organismo [porque] não depende da memória convencional, da memória operacional, do raciocínio ou da linguagem” (Damásio, 2000, p. 41). Essa consciência é mantida, mesmo que toda a área do cérebro que a contempla esteja lesionada, impedindo o indivíduo, inclusive, de saber o próprio nome. Damásio supõe que, do mesmo modo, a maioria dos mamíferos tenham presente essa consciência, porquanto ela se estruturaria em partes bastante primitivas do ponto de vista filogenético, ou seja, estaria localizada no tronco cerebral e no giro do cíngulo.

A Consciência Ampliada, por sua vez, em sentido oposto à definição da Consciência Central, é um fenômeno biológico complexo, com vários níveis de organização. Evolui no decorrer da vida e “depende da memória convencional e da memória operacional. Quando atinge seu ápice humano, também é intensificada pela linguagem.” (Damásio, 2000, p. 41, **negrito nosso**). Visitemos a concepção de Damásio a seguir reproduzida de modo a cotejar os dois tipos de consciência:

[...] fornece ao organismo um sentido do self concernente a um momento — agora — e a um lugar — aqui. O campo de ação da **consciência central** é o aqui e agora. A consciência central não ilumina o futuro, e o único passado que ela vagamente nos permite vislumbrar é aquele ocorrido no instante imediatamente anterior. Não há outro lugar, não há antes, não há depois. Por outro lado, o tipo de consciência complexo, que denomino consciência ampliada e que possui muitos níveis e graus, fornece ao organismo um complexo sentido do self — uma identidade e uma pessoa, você ou eu — e situa essa pessoa em um ponto do tempo histórico individual, ricamente ciente do passado vivido e do futuro antevisto, e profundamente conhecedora do mundo além desse ponto.

Essas duas consciências, como depreendemos das explicações, são distintas, opostas, mas não são independentes. O grau de complexidade da Consciência Ampliada, aliás, deve-se à sua própria natureza derivada que conta, para sua construção, com a existência da Consciência Central, pois, como nos lembra Damásio (2000, p. 42, **negrito nosso**):

[...] a **consciência ampliada** não é uma variedade independente de consciência: pelo contrário, ela se constrói sobre o alicerce da consciência central. Uma análise cuidadosa de doenças neurológicas revela que a consciência central pode permanecer ileso mesmo havendo comprometimento da consciência ampliada. Ao contrário, o comprometimento da consciência central destrói todo o edifício da consciência: a consciência ampliada não se sustenta separadamente. A glória que é a consciência requer a ativação ordenada de ambos os tipos de consciência.

De cada uma dessas consciências apresentadas, sob a ótica de Damásio (2000), emerge um tipo de *self*. À Consciência Central corresponde o *Self Central*, que se constitui como “uma entidade transitória, incessantemente recriada para cada objeto com o qual o cérebro interage.” (Idem, p. 43). À Consciência Ampliada, emerge a nossa noção básica de *self*, ligada à ideia de identidade, o *Self Autobiográfico* que “corresponde a um conjunto não transitório de fatos e modos de ser únicos que caracterizam uma pessoa.”

O cérebro constrói, pois, esta consciência gerando um processo do *self* em uma mente que se encontra em estado de vigília. Esse processo pode ser percebido pela evolução do *self* em três estágios: o *protosself*, o *self central* e *self autobiográfico*. Eles não são estanques, nem autônomos em sua evolução, pois um depende do outro para que o indivíduo alcance a maturação esperada para o próximo estágio (Damásio, 2011).

No estágio do *protosself*, o indivíduo se encontra numa fase mais tenra de desenvolvimento mental que representa a parte biofísica e consiste em uma reunião de imagens que descreve aspectos relativamente estáveis do corpo e gera sentimentos espontâneos do corpo vivo. Quando o indivíduo é capaz de relacionar, ou seja, fazer uso de seu organismo para interpretar um objeto a ser conhecido, compreende-se que ele esteja no estágio do *self central*. Depende, evidentemente, do estágio anterior ter ocorrido, pois ele é base para o seguinte. A mente sendo capaz de relacionar múltiplos objetos, a exemplo de uma experiência vivenciada ou um futuro antevisto, é um indicativo de que o indivíduo esteja em um estágio mais avançado: o *self autobiográfico* (Damásio, 2011).

Logo, do ponto de vista da evolução, numa abordagem neurocientífica, e numa metodologia de neuroimagem, é possível reconhecer que, no estágio do *protosself*, os processos de *self* orientam e organizam a mente em função das necessidades físicas e biológicas do indivíduo, dando condição para a sobrevivência.

No sentido mais amplo, nessa fase, é possível que não haja consciência, isto é, o ser humano ainda não adquiriu o conhecimento que lhe permite vivenciar e compreender aspectos do mundo interior. No processo de evolução do indivíduo, à proporção que ele interage com o objeto e, conseqüentemente, o mundo, passa a desenvolver uma subjetividade na mente, tornando-se consciente. Trata-se do estágio do *self central*, uma fase em que informações e instruções adquiridas culturalmente começam a ser usadas para obter e acumular novos conhecimentos sobre o indivíduo e o mundo em que está inserido. Dando continuidade ao processo evolutivo, quando alcançamos um nível mais complexo do *self*, será denominado *self autobiográfico*, estágio em que o indivíduo passa a manipular, raciocinar sobre o seu conhecimento.

Aplicando esses conceitos ao processo de produção textual, Vicente (2014) demonstrou que o indivíduo passa por um processo de ‘vigília’, muitas vezes chamado de concentração para a elaboração do plano redacional, que é estruturado da seguinte

forma: (i) organização do plano de ideias: *Protossself*; (ii) contato com o objeto que, por sua vez é manipulado. Este é o momento em que o autor de uma redação lida com os textos motivadores contidos em uma proposta de um exame, a exemplo do Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM ou do processo de avaliação como a da Fundação do Vestibular da Universidade de São Paulo – FUVEST. Vem à tona o conhecimento empírico e a situação contextual, que é ambiente de prova: *Self* central; (iii) os elementos do *self* central interagem propiciando a elaboração da produção do texto, resultando em uma exteriorização da consciência cultural do indivíduo que realiza o exame: *Self* autobiográfico. Portanto, Vicente (2014), em concordância com Damásio (2011), reconhece os níveis distintos de processamento na produção do texto dissertativo-argumentativo – mente, mente consciente e mente consciente capaz de produzir cultura materializada nos textos produzidos pelos indivíduos.

Mithen (2002, p. 321) também estudou a evolução da mente: “o passo crucial na evolução da mente moderna foi a mudança de um modelo do tipo canivete suíço para outro com fluidez cognitiva; ou seja, da mentalidade especializada para a generalizada.”

Ao estabelecer um diálogo entre Damásio (2011) e Mithen (2002), é possível transportar esse processamento da consciência para a produção cultural do indivíduo. Para este último autor, a metáfora é uma ferramenta do pensamento que recorre a domínios distintos para sua construção ultrapassando os limites naturais. Nessas transposições, ocorrem associações entre elementos inesperados ou “a geração de uma ideia sobre algo que é tangível” (Mithen, 2002, p. 344). Somente uma mente com fluidez cognitiva poderia transpor limites, pois todos os ancestrais dos homens (*australopithecus*, *homo*, *neandertais*) não teriam condições de produzir fenômenos que demandassem uma cognição fluida, como é o caso da metáfora, que irrompe limites entre categorias ou classes estabelecidas. Do mesmo modo, indivíduos da espécie humana sem a maturação mental (que pressupõe, segundo Damásio, o percorrer do *continuum*: mente > mente consciente > mente consciente capaz de produzir cultura) não seriam capazes de criar metáforas.

A consciência linguística é uma propriedade que sugere que a linguagem tenha a capacidade de manipular intencionalmente a estrutura da própria linguagem (Correa, 2004) e, assim sendo, duplamente, pode referir-se ao mundo e a si mesma (Barrera; Maluf, 2003, p. 492). Essa propriedade, de acordo com Marilyn Jager Adams (1994), é dos fatores tidos como capitais no auxílio ao processo de aquisição da linguagem. Durante o processo de manipulação consciente ou intencional da linguagem, em quaisquer de seus aspectos, fonológico, morfológico ou sintático, o indivíduo faz uso da atenção. Componente este perdido com a presença da DA, no entanto, de alguma forma, resgatado com a escuta da música.

De acordo com as pesquisas de Soares Santos (2021), existe uma ‘consciência da linguagem’ que é desperta com o som da música predileta dos idosos com Alzheimer. Utilizamos o termo consciência para referir à sensação de conhecimento e de entendimento que se tem de si ou de algo, no mesmo sentido da Consciência Central proposta por Damásio (2000), que expressa a noção de existência de um ser humano. Essa consciência da linguagem aflorada pelo idoso com DA, exposto à música preferida, desperta-lhe fatos de sua vida, possibilita-lhe saber quem é, mesmo que em pouco espaço de tempo. A expressão apática do olhar, as ações sem objetivo, o andar sem rumo... tudo parece assumir um **sentido** com a música. Mais que isso, a sua linguagem, outrora esquecida, adormecida, acorda.

Dessa forma, a pesquisadora pôde afirmar que a Consciência Linguística abarca uma acepção mais primitiva (mais enraizada na vida do indivíduo), menos civilizada (menos associada ao mundo da escrita formal), que avalia a oralidade motivada, em vez da escrita e da leitura. A partir dessa oralidade, proferida com aporte linguístico e estímulo musical, promove-se o resgate da consciência da linguagem que já existia e que sofrera deterioração com a DA.

Essa consciência linguística/consciência da linguagem confunde-se com a linguagem verbal, precisamente porque a função básica da linguagem do ser humano, a capacidade de se comunicar, ativa o processo básico da memória e da consciência, daí ser a linguagem considerada o maior componente de entendimento do comportamento humano (Harley, 2001).

A mente consciente é um lugar intangível do qual só temos evidências pela linguagem. Mais especificamente, as “funções como a memória ou a linguagem” permitem reconstituir uma espécie de “anatomia da consciência” (Damásio, 2011, p. 39). Essa consciência diz respeito à relação entre palavra e mundo, mediada pela cognição. Isso ocorre porque a linguagem integra várias e complexas atividades comunicativas, sociais e cognitivas que se coadunam com as demais atividades da psicologia do ser humano, tal como um *scaffolding* ou uma plataforma a partir da qual se alcançam outras habilidades e discernimentos. Na próxima seção discorreremos sobre a emoção e o seu impacto sobre a linguagem de indivíduos sob momentos de tensão ou deleite.

3 A EMOÇÃO E OS FATORES QUE INTERFEREM NA COMUNICAÇÃO HUMANA OU A AUXILIAM

FLP 24(2)

A matéria cerebral – biofísica mesmo – é parte do que precisamos para alcançar a capacidade de realização de atividades ‘superiores’. Isso se deve ao fato de que essa matéria “está envolvida no processo mental” (Meyer, 2002[1997], p. 27), e não poderia ser diferente, pois é desse funcionamento integrado que a consciência, o pensamento, a emoção e a percepção manifestam-se também de forma integrada. Não há consciência sem pensamento, não há pensamento sem emoção e não há emoção sem percepção. Toda outra combinação intuída entre esses elementos também é verdadeira. É o que argumenta Meyer, com o qual concordamos:

a matéria cerebral [...] elabora o conjunto da atividade do cérebro, não somente os controles que o cérebro-máquina exerce sobre a vida visceral, mas também as mais nobres funções, que são a consciência, o pensamento, a emoção e a percepção. (Meyer, 2002[1997], p. 13).

As emoções, conforme Damásio (2011), são automatizadas, não aprendidas e estruturadas pelo genoma em evocações realizadas. Em suas pesquisas, esse autor observou que o mecanismo essencial das emoções é semelhante entre os indivíduos da espécie humana. A seleção de uma forma ou outra, no entanto, pode corresponder a critérios individuais. O que causa medo a um indivíduo pode não causar a outro. O mesmo se dá com a alegria, a ansiedade, a dor, dentre outras emoções. O dito “quem ama o feio bonito lhe parece” é o claro exemplo da sabedoria popular a respeito da regra geral que norteia a escolha humana em decorrência de suas emoções.

Segundo Damásio, **sentimentos** diferem de emoções. Essa diferença pode ser mais bem compreendida, segundo ele, quando pensamos em patologias, os desvios do

que chamamos de normalidade. Sentimentos patológicos seriam a depressão, dor e síndromes de toxicod dependência. São dependentes de processos corporais e da mente, portanto. Em consequência, afetam a linguagem e a língua, no momento da produção, produzindo sinais nos vários níveis de codificação.

A emoção, entendida como humor, sensação e afetividade (Damásio, 2011), toma, como palco de reação, o corpo. Então, quando um indivíduo tem uma emoção negativa, por exemplo a tristeza, outros pensamentos negativos são evocados. Já uma emoção positiva provocará o oposto. Pesquisas, como as de Kleinman, Lafer e Caetano (2008) têm demonstrado que pessoas bipolares, num momento depressivo, tendem a enxergar a tristeza em semblantes que não se encontram verdadeiramente tristes.

Ainda segundo o autor, também os sentimentos provocam muitas consequências no indivíduo, entre as quais a orientação de comportamentos que ajudam a aprendizagem e trazem vantagens para a espécie. Desse modo, impactam qualitativamente na produção e materialização da linguagem e da língua.

A ansiedade é um distúrbio emocional, que debilita as funções mentais, em resposta a pressões sociais, morais e econômicas. A ansiedade pode ser considerada uma resposta fisiológica e exacerbada, pois desregula uma série de funções mentais e orgânicas. Assim, não só o rendimento intelectual diminui no ansioso, como ocorre uma série de funções físico-corporais: sudorese, taquicardia, palidez etc. Isso permitiu à autora amparar-se, teoricamente, na ocorrência dos famosos “brancos” que o indivíduo tem, em momentos de ansiedade, tais como os ocorridos durante os períodos em que há a prova de vestibular ou, mais especificamente, o momento em que é exigida desse candidato a prontidão para a escrita, ou seja, o momento de elaboração da produção textual (Vicente, 2014).

Esta pesquisadora ainda observou que na produção de texto escrito, em situação de avaliação, os estudantes precisam ativar o seu conhecimento prévio, que foi construído ao longo de sua vida em contexto escolar ou informal, relacionando a um tema que nem sempre é de seu domínio, mas que precisa ser bem desenvolvido, a fim de que ele atinja o objetivo de ser bem avaliado para conseguir uma vaga em um processo seletivo, como ocorre em um vestibular. Isso tudo gera um distúrbio emocional, muitas vezes impactando negativamente na qualidade do texto produzido. Desta forma, um indivíduo que está com emoções polarizadas negativamente, por exemplo, pode ter sua prontidão afetada, assim como a organização e logicidade das ideias expostas. O que se supõe, então, é que o rendimento desse aluno pode ser reduzido, pois essa emoção impacta o raciocínio. Em contrapartida, se as emoções estiverem polarizadas, positivamente, também o rendimento pode ser impactado, e não necessariamente para um resultado positivo, pois as emoções podem tornar opacas as relações legítimas na ordenação e correlação de argumentos.

Em situação emocional contrária, no entanto, indivíduos típicos e com Alzheimer, quando expostos a músicas aprazíveis e que lhes remetam a épocas saudosas de sua vida, puderem responder, linguisticamente, de modo favorável a testes aos quais foram submetidos.

Para Soares Santos (2021), uma vez submetidos à escuta de músicas aprazíveis aos seus ouvidos, os idosos, com Alzheimer, antes esquecidos de fatos recentes ações realizadas no mesmo dia com parentes próximos ou até mesmo os idosos impedidos de falar, por exemplo, cantavam músicas inteiras de épocas remotas de sua vida.

A autora entende a emoção causada pela escuta da música como fator positivo no tratamento de idosos com DA porque se constitui meio de comunicação para linguagem verbal, especialmente. Os idosos doentes expressam não somente sentimentos pela música, mas também pensamentos, uma prova de que a deterioração da linguagem é um fenômeno parcial.

Além dos aspectos emocionais, os estímulos musicais ocasionam alterações fisiológicas, tais como a alteração da respiração, da circulação sanguínea, da digestão, da oxigenação e do dinamismo nervoso e humoral, bem como estimulação da energia muscular e a redução da fadiga. Além disso, de acordo com Leão e Flusser (2008), estímulos musicais promovem o aumento da atenção e uma mais contígua ancoragem ao ambiente, de modo que a memória e a atividade motora sejam estimuladas, com impacto na elevação do humor, um fator decisivo e importante como recurso contra o medo e a ansiedade. A emoção, de acordo com Soares Santos (2021) desperta a consciência linguística. Essa consciência é maior do que a compreensão que o idoso com Alzheimer demonstra ter da língua nas suas divisões metalinguísticas quando responde corretamente às provas de linguagem às quais os idosos foram submetidos em sua pesquisa. É a possibilidade de interação, de voltar a se comunicar, de compreender-se a si e ao mundo que o cerca.

No âmbito da produção oral, em um projeto de extensão para idosos, em que todos tinham acima de 60 anos, realizado na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), intitulado “Descobertas da melhor idade: além dos muros da universidade”, sob a coordenação da Professora Renata Barbosa Vicente, foram realizadas palestras a este público e ao final, algumas dinâmicas, a fim de observar como estes idosos se comportavam frente a uma situação de tensão. Após a palestra, alguns idosos foram sorteados para participarem das atividades, respondendo algumas perguntas abertas ou perguntas com a possibilidade de escolher uma alternativa, sempre sobre a temática que acabara de ser palestrada, seja educação financeira, responsabilidade ambiental, sexo na terceira idade e outras. Observou-se que os idosos, mesmo fazendo parte de um grupo já conhecido por eles, no momento em que precisavam produzir respostas orais, durante a dinâmica, sempre ficavam ansiosos, pois naquele momento sabiam que o conhecimento, há pouco apresentado, seria confrontado, ainda que fosse de forma lúdica, por meio das atividades de “brincadeira” que encerravam cada encontro. Portanto, impactados pela emoção durante as tentativas de respostas, eram muito comuns os famosos “brancos”, a gagueira e até mesmo a sudorese nas mãos.

Em situações interativas, a emoção é estruturada, conseqüentemente, por processos gerais de pensamentos, o que envolve a atribuição de significados.

Da reação dos idosos típicos e com DA pesquisados à música, Soares Santos (2021) trata, a partir da descrição de padrões linguísticos observados no contexto de interação proporcionada pela pesquisa, trazendo as narrativas estruturadas por eles, depois de apreciarem o repertório de músicas preferidas, com o intuito de mostrar que há sentido nas palavras. São histórias resgatadas à memória pelos sons ritmados e harmoniosos das expressões corporais, emoções e vozes pessoais. Histórias de vida, comunicadas ou “cantadas”, por idosos que perderam vitalidade com o tempo, mas jamais esqueceram sua identidade linguística, por algum motivo.

De fato, mostrar que os idosos experimentam formas diferentes de convivência com a Doença de Alzheimer (DA) por questões de ordem democrática, cultural e

social, embora haja uma combinação de reações comuns nos doentes, que pode ser atestada quando a submissão à música faculta a comunicação de certos conteúdos psíquicos e cognitivos, comprovadores da preservação de certa consciência linguística. Nessa parte do texto, trazemos, numa abordagem quantitativa, as narrativas estruturadas por eles, antes e depois de apreciarem o repertório de músicas preferidas, com o intuito de mostrar que há sentido nas palavras. Sentido este que consideramos a consciência da linguagem a florada pelo idoso com DA, exposto à música preferida e que lhe desperta e lhe possibilita saber quem é. A sua linguagem, outrora esquecida, adormecida... acorda. Desperta na vivacidade do olhar, no esboçar de um sorriso, no marejar dos olhos, no acompanhamento emocionado da música. A emoção desperta a consciência linguística.

4 A LINGUAGEM – ATIVIDADE COGNITIVA SUPERIOR SUSTENTADA PELA CONSCIÊNCIA E PELA EMOÇÃO

No processo de compreender os elementos do processamento mental, foquemos nossa atenção agora na linguagem, que é um dos grandes artífices da mente e da cultura humana, porque se trata, no caso da expressão linguística, de um conjunto de peças que se articulam e que dependem de um sistema com capacidade de reagir ao meio. O cérebro humano produz infinitas sentenças a partir de um conjunto finito de regras e símbolos, pois codificamos uma mesma informação de variadas maneiras. Essa ideia não somente entra em consonância com modelos formalistas *hard*, mas também com o que de mais precioso existe no funcionalismo: a manutenção de funções a despeito da forma ou vice-versa. Assim, a dinâmica sistêmica preside operações fundamentais para a interação dos indivíduos. É o que defende Del Nero, numa perspectiva da neurociência:

A linguagem é uma função do cérebro humano que, do ponto de vista de sua história cerebral, envolve regiões preferencialmente aptas para ela e uma dinâmica de interação com fatos linguísticos externos que acabam por fazer com que sua operação plena seja departamento virtual, mais ou menos fixo. Do ponto de vista de sua estrutura, é composta de um conjunto de regras de construção de sentenças (sintaxe) e de um conjunto de significados, interpretações e objetos capazes de ter existência real ou imaginária – por exemplo, “mesas”, “átomos”, “justiça” e “centauros” (semântica). Há ainda um fator de contexto que influencia na compreensão de certas expressões linguísticas, chamado pragmática. Imagine que falo a palavra “porco” num açougue ou num campo de futebol. Em cada local, graças à interpretação contextual, significarão mensagens diferentes (Del Nero, 1997, p. 309-310).

O *self autobiográfico*, a instância de consciência mais alta do indivíduo, age, como já afirmamos, com base nos conhecimentos acumulados na memória e também em registros possibilitados pela criação humana, como a pedra, a argila, o papiro, ou papel e nos HDs. Esse percurso evolutivo do suporte também permite reconhecer a busca pela preservação de informações e conhecimentos, sem sobrecarregar o ‘HD’ humano, o cérebro.

A linguagem continua sendo um elemento importante de integração, de aprendizagem e de saltos evolutivos via descobertas e incorporação de tecnologias. Além disso, tendo onde guardar tanta informação, sem necessariamente ter de utilizar esse cérebro como recipiente, ficou mais fácil liberá-lo para o pensar, para a reflexão e

FLP 24(2)

para outras atividades tão humanas, como a arte, a religião, o mito e outras tantas formas de regular o comportamento social.

Se pensarmos a linguagem como uma atividade cerebral superior que dá suporte ao pensamento, dando-lhe um formato linguístico de um notável instrumento de comunicação (Langacker, 1980), compreenderemos que as ideias se materializam em palavras. E essa forma especial de se comunicar constitui-se como “uma faculdade de expressão especificamente humana, que não se encontra em outras espécies” (Castro; Gomes, 2000, p. 19). Da mesma forma, quando falamos em linguagem, não podemos dissociar o caráter sistemático da língua, que se estrutura, hierarquicamente, nos seguintes níveis: o fonológico, o morfológico e o sintático, segundo projeções pragmáticas, mas quase sempre por meio de palavras e construções. Qualquer alteração numa das três dimensões poderá vir a afetar o modo e a qualidade de vida dos indivíduos idosos, pois estas estruturas, ilesas e unidas, representam a capacidade comunicativa do ser humano.

4.1 Teste de Consciência Linguística em Idosos

O TCLI - Teste de Consciência Linguística - é um teste linguístico que foi criado, especificamente, para a pesquisa de Soares Santos (2021), com base nas observações realizadas nos vários momentos de interação durante o estudo-piloto. Sob um modelo de linguagem hierárquica, indo das unidades de linguagem mais simples (sons, partes de palavras) às mais complexas (palavras e frases), o TCLI dividiu as classificações sob o enfoque metalinguístico do campo fonológico, morfológico e sintático, objetivando à análise das respectivas consciências linguísticas, hipoteticamente preservadas no idoso com DA, buscando verificar se a música teria influência no resgate destas consciências. Este teste permitiu apurar o desenvolvimento/declínio, de modo segmentado, e verificar as consciências dos níveis fonológico, morfológico e sintático, possibilitando análises textuais e discursivas do grupo de controle e comparar com as possíveis consciências linguísticas mantidas no grupo clínico.

A abordagem da pesquisadora Edwiges Maria Morato (2008) acerca do comprometimento linguístico do idoso com Da nos estágios da doença afirma que, na primeira fase, conhecida como leve ou inicial, a DA caracteriza-se, linguisticamente, por alterações nos aspectos semântico-lexicais-pragmáticos. Na forma moderada ou segunda fase, ocorrem alterações no âmbito fonológico, sintático e morfológico. Na forma severa, conhecida como terceira fase, há um grave comprometimento de todas as habilidades linguísticas, desencadeando, na maioria das vezes, a ausência de comunicação por meio da fala.

A aplicação desse teste foi realizada em dois momentos e teve a música preferida do idoso como intermediária. A aplicação foi realizada, individualmente, e em ambiente tranquilo. Os participantes foram, propositadamente, mantidos descontraídos por conversas amenas para que a atividade pudesse ser o mais natural possível. O teste foi aplicado em dois momentos, seguindo a mesma ordem para todos os participantes: As perguntas foram realizadas conforme as instruções do teste, e as respostas obtidas, registradas. O Quadro 1 apresenta o escore máximo de pontuação de cada tipo. Não foi realizado nenhum julgamento de valor em relação à quantidade de erros ou acertos. Foi verificada a influência da música nas respostas, uma vez que

FLP 24(2)

se hipotetizava ser a música o mecanismo desencadeador da emoção necessária ao resgate da consciência linguística adormecida pela Doença de Alzheimer.

Quadro 1 - *Escore* do TCLI.

CONSCIÊNCIA METALINGUÍSTICA	PROVAS	ESCORE POR ITENS DA PROVA	PONTUAÇÃO TOTAL (idoso x escore)	
			DA	TÍPICO
CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA	SÍNTESE	5 pontos	30	30
	SEGMENTAÇÃO	4 pontos	24	24
	RIMA	1 ponto	6	6
CONSCIÊNCIA MORFOLÓGICA	PREFIXAÇÃO	5 pontos	30	30
	SUFIXAÇÃO	5 pontos	30	30
	SUFIXAÇÃO	8 pontos	48	48
CONSCIÊNCIA SINTÁTICA	AÇÃO	8 pontos	48	48
	AGENTE DA AÇÃO	3 pontos	18	18
	COMPLEMENTO VERBAL	3 pontos	18	18
	PERÍODO COMPOSTO	4 pontos	24	24
	(A)GRAMATICALIDADE	4 pontos	24	24
TOTAL		50 pontos	300	300

Fonte: Dados da Autora - TCLI (Soares Santos, 2021).

Nesse experimento, Soares Santos (2021) buscou verificar se a consciência (meta)linguística no âmbito fonologia, morfologia e sintaxe continuavam preservadas em idosos com DA e constatou que, em contextos normais de aferição dessa competência, por indisposição, por ausência de interação social ou mesmo por ausência de estímulo, a consciência linguística em idosos com DA é pouco explicitada, ao passo que quando expostos à audição de uma música com a qual mantêm uma relação intensa de afetividade, a emoção desperta essa consciência, que passa a ser facilmente verificada.

Os resultados apresentados apontam, indubitavelmente, para a existência de um progresso no desempenho dos idosos com DA reconhecidos antes da audição da música e depois da audição da música. A interpretação dos resultados obtidos pelo estudo de Soares Santos (2021) sugere que a exposição à música e consequente emoção sentida resultou positivamente no resgate da consciência fonológica, morfológica e sintática dos idosos, em especial aos idosos com DA.

Esse efeito poderia ser explicado, principalmente pelo envolvimento emocional do idoso com sua música preferida, que por sua vez, majorou sua cooperação na participação das sessões.

Como esperado, os idosos com DA produziram mais acertos quando expostos à escuta da música que escolhera, que quando precisavam responder às atividades de aferição de consciência fonológica, morfológica ou sintática sem o estímulo dela. Em outras palavras, a consciência (meta)linguística, por assim dizer, pode ser mais bem observada e resgatada e de modo significativo durante a exposição à música de sua escolha.

Entretanto, é inegável que, em alguns casos em que, no momento anterior à audição musical, houve um erro de ordem metalinguística, esse equívoco fora corrigido pelo idoso no segundo momento. Assim sendo, podemos afirmar, com base na literatura vigente, que, minimamente, os efeitos da escuta da música, de alguma

maneira aprimoraram a memória e os tornaram mais colaborativos. Do mesmo modo, não se pode negar que, nestes grupos, DA e Típicos, apresentados no Quadro 1, a variável concernente ao nível de escolaridade contribuiu para a positividade do resultado, visto que nos idosos típicos com menor grau de escolaridade, houve um resgate à resposta correta no segundo momento de aplicação da prova. Para estes idosos típicos e com baixa escolaridade, a nossa hipótese é a de que a escuta da música foi a responsável pela correção das respostas e, da mesma forma, pela boa conduta do participante para cooperar com a aplicação do instrumento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na produção escrita, na produção oral ou na escuta da música foi possível compreender que a gradiência cultural se relaciona com os três estágios dos *selves*. Quanto mais o indivíduo demonstra cultura e habilidade em produzir um texto, oral ou escrito, mais avançado é o estágio evolutivo da mente nas tarefas que envolvem língua escrita formal. Num estágio de *self autobiográfico*, o indivíduo desliga-se de heranças socioculturais (típicas de *protossself*), afasta-se de metáforas que são produtivas e as adapta a novos contextos, para codificar a subjetividade.

Em ambos os estágios de *self*, impactam qualitativamente a linguagem e a língua. Retomando Damásio (2011, p. 263) e dialogando com os resultados alcançados, podemos afirmar ainda que o processo de um exame como o ENEM, uma avaliação como o da FUVEST, a participação de uma dinâmica lúdica, em que o idoso se sente confrontado ou a escuta aprazível da música predileta do idoso são situações de tensão e de emoções básicas vivenciadas pela espécie que são codificadas no cérebro. Em virtude desse contexto, originam-se comandos dessa região as respostas biofísicas, por exemplo, sudorese e os esquecimentos. No caso de esquecimentos, causados por situação de tensão, “os famosos brancos”, a resposta biofísica permite-nos concluir que as emoções interferem na linguagem, garantindo que as emoções podem ser codificadas via sintaxe.

Na atividade musical, por sua vez, durante sua fruição auditiva, ocorre o modo compensatório no processo de reabilitação cognitiva. Em outras palavras, a música pode identificar habilidades ou funções preservadas dos pacientes e, com isso, desenvolver novas habilidades que possam compensar o déficit cognitivo (Moreira et al., 2012).

Ouvir uma música que faz parte da biografia individual não só ativou a memória, como também ativou a linguagem adormecida. Acreditamos que a associação das palavras de uma música e o resultado emocional evocado por ela pode, a longo prazo, melhorar a fluência verbal, afetada pela doença, mesmo em casos mais avançados. Os idosos com DA reagiram positivamente à música porque existe Consciência Linguística nos diferentes estágios da enfermidade proporcionalmente às condições neurológicas e psíquicas de cada fase da vida humana.

REFERÊNCIAS

- Barrera SD, Maluf MR. Consciência metalinguísticas e alfabetização: um estudo com crianças da primeira série do ensino fundamental. *Psicologia: reflexão e crítica*. 2003;16(3):491-502.
- Castro SL, Gomes I. Dificuldades de aprendizagem da língua materna. Lisboa: Universidade Aberta; 2000.

- Cavalcante SMS, Militão JÁ, organizadores. Emoções: desafios para estudos da linguagem e cognição. Belo Horizonte: Puc Minas; 2016.
- Cayton H. Tudo sobre doença de Alzheimer: resposta às suas dúvidas. São Paulo: Andrei; 2000.
- Correa J. A avaliação da consciência sintática na criança: uma análise metodológica. *Psicologia: teoria e pesquisa*. 2004;20(1):69-75.
- Del Nero HS. O sítio da mente: pensamento, emoção e vontade no cérebro humano. São Paulo: Editora Collegium Cognitio; 1997.
- Damásio A. E o cérebro criou o homem. São Paulo: Companhia das Letras; 2011. (Original em inglês: *self comes to mind: constructing the conscious brain*. New York: Pantheon; 2010).
- Damásio A. O sentimento de si: corpo, emoção e consciência. Lisboa: Temas e Debates, Círculo de Leitores; 2013.
- Harley TA. *The psychology of language*. New York: Psychology Press; 2001.
- Herrera E, et al. Epidemiologic survey of dementia in a community-dwelling brazilian population. *Alzheimer Disease & Associated Disorders*. 2002;16:103-108.
- Kleinman A, Lafer B, Caetano SC. Transtorno bipolar na infância e na adolescência. In: Kapczinski F; Quevedo J; Colaboradores, organizadores. *Transtorno bipolar, teoria e clínica*. 2008. p. 306-330.
- Langacker RW. *A linguagem e sua estrutura: alguns conceitos fundamentais*. Petrópolis: Vozes; 1980.
- Leão E, Flusser V. Música para idosos institucionalizados: percepção dos músicos atuantes. *Rev. Esc. Enferm. Usp*. 2008;42(1):73-80. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/recusp/V42n1/10.pdf>.
- Meyer P. O olho e o cérebro: biofilosofia da percepção visual. Ferreira RL, tradutor. São Paulo: Editora Unesp; 2002[1997].
- Mithen S. A pré-história da mente: uma busca das origens da arte, da religião e da ciência. Oliveira LCB, tradutora. São Paulo: Editora da Unesp; 2002 [1996].
- Morato EM. O caráter sociocognitivo da metaforicidade: contribuições do estudo do tratamento de expressões formulaicas por pessoas com afasia e com doença de alzheimer. *Rev. Est. Ling*. 2008;16(1) jan./jun.:157-177.
- Moreira SV, et al. Neuromusicoterapia no Brasil: aspectos terapêuticos na reabilitação neurológica. *Revista brasileira de musicoterapia*. 2012;12:18-26. Disponível em: <http://revistademusicoterapia.mus.br/revistademusicoterapia122012.html>.
- Ortiz KZ, Bertolucci PHF. Alterações de linguagem nas fases iniciais da doença de Alzheimer. *Arq. Neuropsiquiatria*. 2005;63(2-A):311-317.
- Pinker P. Do que é feito o pensamento: a língua como janela para natureza humana. Ravagnani F, tradutora. São Paulo: Companhia das Letras; 2008[2007].
- Rovner BW, Broadhead J, Spencer M. Depression in Alzheimer's disease. *Am J Psychiatry*. 1989;146:350-3.
- Soares Santos MM. “Essa música me faz lembrar...” A consciência linguística que emerge da música: idosos com Alzheimer no Brasil e em Portugal [tese]. São Paulo: Universidade de São Paulo, Évora: Universidade de Évora; 2021.
- Tomasello M. *The cultural origins of human cognition*. Cambridge/Massachusetts: Harvard University Press; 2003[2000].
- Vicente RB. Iniciar é abstrato? É o lugar, é o tempo, é o espaço do caos cognitivo [tese]. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo; 2014. [citado 5 jul. 2022].
- Vicente RB. *Descobertas da melhor idade: além dos muros da Universidade*. Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco; 2017, 2018, 2019.
- Vygotsky A. *Construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes; 2009.

FLP 24(2)